

Dançando com Judith Butler – trinta anos de Problemas de Gênero¹

Larissa Pelúcio²

Minha fala está repleta de memória, talvez seja mais afetiva que teórica. Início como quem diz “Meu querido diário...”. Eu não me lembro qual era a música que estava tocando. Sei apenas que eu estava dançando com Judith Butler. Era 2015, e nos movíamos de maneira muito mais leve em relação aos dias de hoje. Ela estava toda de preto. Ela está sempre toda de preto. Veio gingando, assim, desenhando uma coreografia malandra, cheia de bossa. Dois passos depois, já era cabrocha. Eu tive ali mais um problema de gênero com Butler, porque o que eu faria com a minha performance feminina – com a minha saia longa, com a certeza dos meus passos tão seguros dados naquele compasso da heteronormatividade? Eu estava em apuros. Eu tropecei em minha saia, torci o meu corpo, e aí eu performatizei um malandro. Um malandro de saia, de brincão, todo *queer* – e ele dançava com Judith Butler. “Minhas Deusas! Ela dança bem!” – foi o que eu pensei, rindo, assim, por dentro, tirando o meu chapéu de palha e colocando-o em sua cabeça. Estávamos em, mais ou menos, oito pessoas – dançando na sala do apartamento da casa do Leandro Colling, um dos organizadores do *Segundo Seminário Internacional Desfazendo Gênero* que, naquele 2015, aconteceu em Salvador.

O “baile”, hoje, seguirá os protocolos de confinamento,³ mas pretendo convidar muita gente para dançar comigo nesta fala – gente que, tenho certeza, terá muito mais estofo e competência para falar da obra da Butler que eu mesma. Mas digo aqui, e não vou tentar nem disfarçar minha vaidade, só eu dancei com ela.

Naquele setembro de 2015, Salvador toda parecia bem *queerizada*. O *Desfazendo*

¹ Texto decorrente de fala ministrada no dia 25 de novembro de 2020. Esta comunicação e o debate realizado por Karina Veiga (PPGE-UFPR) podem ser acessados na íntegra através do canal do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WusakkBmAa8&t=557s>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

² Doutora em Ciências Sociais, professora de Antropologia – UNESP – FAAC. Pesquisadora Produtividade 2 – CNPq. Contato: larissa.pelucio@unesp.br.

³ A presente comunicação, como quase todas as atividades acadêmicas do ano de 2020 no Brasil, foi realizada virtualmente por conta das medidas de distanciamento social adotadas pelas universidades como medida de proteção sanitária em meio a pandemia global causada pelo novo coronavírus.

Gênero II tinha levado mais de cinco mil pessoas para a cidade, e todos os santos pareciam nos abençoar. Butler era, sem dúvida a grande estrela daquela edição e a razão das mais cobiçadas *selfies*.

Judith Butler já havia visitado o interior de São Paulo. Esteve na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em São José do Rio Preto, onde palestrou por ocasião do *I Congresso Internacional de Literatura e Gênero*. Depois de Salvador ela iria para São Paulo (capital). Na Bahia, ela proferiria uma conferência no teatro Castro Alves. Butler era tão nossa naquele 2015, quando nossos problemas de gêneros pareciam ter alcançado um patamar mais denso de discussão que resultavam em ganhos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Naquela noite, em que dançamos juntas,⁴ Butler usou por horas o chapéu de palha que eu coloquei em sua cabeça e que lhe serviu de disfarce para à festa oficial do evento, realizada na Residência Universitária Do Corredor Da Vitória, em Salvador. A festa estava lotada. Entramos em bloco, com Butler no meio de nós, um pouco escondida e muito assustada com o assédio constante de fãs que não paravam de gritar seu nome e pedir *selfies*. Naquela noite, ela só queria dançar. Talvez ela só quisesse ser mais Judith e menos Butler.

Butler é imensa! Judith é uma mulher pequena, delicada, tímida. Lembro-me que durante o jantar de acolhimento oferecido em sua homenagem, dias antes de sua palestra de abertura (em 05 de setembro), ela me disse que não esperava o tipo de recepção que teve no Brasil. Comentou com uma modéstia sincera que não entendia O porquê de as pessoas tratarem como se ela fosse uma espécie de *pop-star*. Ela me perguntou por que aquilo tudo, e eu respondi: “porque você é nossa diva *queer*!”. Ela riu sem fazer barulho nenhum e insistiu na indagação. Eu lhe disse: “porque suas ideias salvaram vidas”. Ela passou um tempo digerindo aquela informação. Tinha um olhar um pouco surpreso. Talvez ela tenha acreditado em mim quando viu o teatro Castro Alves, que tem uma capacidade para 1.554 pessoas, lotado naquela manhã setembro. Treze anos após a publicação da versão brasileira de *Gender Trouble*; vinte e cinco anos após a versão

⁴ Confesso, não fui sua *partner* exclusiva, nesse baile improvisado estavam também Juana María Rodríguez (Universidade da Califórnia, Berkeley), Leandro Colling, (UFBA), Milena Brito (UFBA), Ricardo Batista (UFBA).

original, Butler falava a um público que viu no *queer* um escudo para os corpos dissidentes.

Essa imagem não é minha. A encontrei em uma *live* da qual participei esta semana. Encontrei nela uma definição forte. Eu havia ouvido há alguns anos um relato parecido, expresso por um homem trans em uma oficina sobre teoria *queer* oferecida por Leandro Colling e Richard Miskolci, em 2010, no contexto do *Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual* (ENUDS) que, naquele ano, aconteceu em Campinas, no interior de São Paulo. Quase no fim da oficina, alguém questionou a potência política da teoria *queer* por conta de seu caráter não-identitário. Então esse rapaz a quem acabo de me referir pediu a palavra, se levantou e disse que o livro de Berenice Bento, *A reinvenção do corpo*, tinha salvo sua vida. A própria Berenice me disse certa vez: “que impressionante a força da teoria” – isso veio de uma autora que também apresentou Butler ao Brasil a partir de sua tese de doutorado, dos eventos que organizou, dos artigos que publicou, etc. Pensei então que, de alguma forma, Butler também havia salvo aquele rapaz.

O próprio Leandro Colling diz que, para ele, *Problemas de Gênero* tem um efeito profundamente teórico, mas subjetivo também – como no caso do escudo e a capacidade de salvar vidas que citei há pouco. Cito o próprio Leandro, quem fez a gentileza de me responder por meio do *WhatsApp*:

Olha, são poucos os livros que geram isso nos seus leitores. Foi através desses estudos que eu mudei de área e que também mudou a minha vida acadêmica, profissional e, principalmente, minha compreensão sobre gênero e sexualidade. Depois de anos de estudos motivados em boa medida por esse livro, meu olhar sobre gênero e sexualidades se transformou profundamente, o que me fez com que questionasse as normas que eu mesmo reproduzia. Inclusive nas minhas relações afetivo-sexuais.

Tiago Duque (Universidade Federal do Mato Grosso), também reportou sua experiência para mim. Me disse que, em 2003, ele estava no começo de sua militância no Grupo Identidade – um grupo misto de gays, lésbicas, travestis e pessoas trans – quando conheceu a obra de Butler. Me contou dessa força avassaladora da teoria da performatividade para suas reflexões. A voz dele se soma as de muitas outras pessoas que também viveram esse mesmo impacto. Tiago, assim como eu, teve a oportunidade

de aprofundar os estudos dele com o Richard Miskolci (Universidade Federal de São Paulo). Ele no mestrado e eu no doutorado e, depois, juntos no grupo de pesquisa organizado pelo Richard. Cito um depoimento de Tiago:

Olha, eu tenho esse livro desde 2003. Ele é todo pintado de várias cores, porque além de eu dar aula com ele, vira e mexe quando eu vou pensar a ideia de performance eu retomo o livro. Para mim, foi, obviamente, tudo aquilo que estruturou toda a compreensão do que eu estava interessado em discutir no mestrado, que era a experiência de travestis na adolescência – a coisa da montagem, da desmontagem. Mas também impactou a própria percepção de gênero de mim, da minha pessoa. Também impactou uma certa noção de como eu também estava me agenciando em diferentes contextos. Eu acho que ainda impacta e que a discussão da Butler ainda não foi superada. Claro, tem a discussão das transfeministas, a discussão decolonial. Tudo isso ajuda a gente a ter um olhar crítico para a produção da Butler. Mas eu ainda acho complicado abrir mão dela. *Problemas de Gênero* continua sendo um marco decisivo pra nós, ainda que a questão da raça, da nacionalidade, da própria crítica que o Preciado faz, mereçam outros diálogos – inclusive diálogos mais latinos, mais nacionais. Para mim, isso não tira a legitimidade da Butler e de tudo que ela nos traz em *Problemas de Gênero*. A própria obra dela que, em livros mais recentes, por exemplo, quando ela vai falar da Assembleia das Ruas, ela volta na performance de gênero. Inclusive, agora, parece mais fácil que a gente entenda tudo isso.

Em *Corpos em Aliança*, livro mencionado por Tiago, Butler nos lembra que o termo *queer* não designa uma identidade, mas um conjunto de alianças difíceis e previsíveis na luta por justiça social, política e econômica. Foram as alianças que fortaleceram a busca por direitos, promoveram vidas mais habitáveis, denunciaram o feminicídios, os genocídios baseados em raça e etnia e nos ajudaram a sustentar uma democracia sempre frágil – uma democracia sexual que mal chegou a se estabelecer. Segundo o sociólogo francês Éric Fassin, que escreveu o prefácio para o *Problemas de Gênero* em sua edição francesa, publicada em 2005. Então, segundo Fassin, a democracia sexual reflete os efeitos políticos que resultam dos movimentos sociais pelo direito à livre expressão da sexualidade – que ganham força a partir da epidemia da AIDS. Nós, ainda hoje, buscamos a igualdade de direitos, considerando gênero e sexualidade como operadores de desigualdades. Ou seja, não haverá democracia se não houver reconhecimento dos direitos sexuais, raciais e de gênero daqueles e daquelas que têm sido historicamente aliçados do campo dos direitos nessas sociedades de matriz ocidental.

Em uma conferência concedida no evento *Campanha antigênero, populismo e neoliberalismo*, realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro no contexto da *Rede Fluminense de Núcleos de Estudos de Gênero, Sexualidade e Feminismos nas Ciências Sociais* (REDEGEN),⁵ Fassin lembrou da controvérsia intelectual protagonizada por Nancy Fraser e Judith Butler⁶ a respeito da tensão entre políticas de reconhecimento e políticas redistributivas. Butler insiste que a política *queer* não é apenas uma política cultural e simbólica, mas que também toca em questões materiais como, por exemplo, é o caso das questões patrimoniais envolvidas na demanda pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Fassin identifica que, no atual contexto neoliberal, o inverso é igualmente verdadeiro: as lutas de classe nunca são meramente econômicas. Butler, nesse sentido, nos auxiliou a entender as questões do reconhecimento e da abjeção que existem como plano de fundo nos debates promovidos pela autora. O primeiro tema é primordial para Butler. As lutas por reconhecimento são também lutas de classe. Essa afirmação se torna mais clara quando compreendemos a violência que a abjeção autoriza – resultado de uma intersecção feroz entre corpo, gênero, sexualidade, raça e classe.

Dessa forma, a abjeção é politicamente punida, simbolicamente sustentada, economicamente estrangida e juridicamente penalizada. Nesse sentido, se torna importante desnaturalizar o sexo pré-discursivo, trazendo-o para o campo da linguagem e da cultura. Butler transporta a questão para o campo político e isso trouxe resultados efetivos para nós aqui no Brasil. O biológico deixa de ser natureza neutra para se tornar um terreno político onde se chocam tanto movimentos sociais quanto o Estado, passando por instituições disciplinares como a família e a escola que agora irão disputar narrativas sobre direitos humanos. Vemos isso acontecer nesse momento. Os impactos da obra de Butler foram imensos e se estenderam para muito além do pensamento acadêmico.

Dito isso, me parece que os perseguidores e as perseguidoras de Butler que, em

⁵ Em 23/11/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=igxhwjHrUbA&t=3134s>>. Acesso em: 19/01/2021.

⁶ O debate entre as autoras, embora que envolva o escopo maior de suas obras, pode ser acompanhado através da resposta proposta por Fraser, em *Heterossexismo, falso reconhecimento e capitalismo: uma resposta a Judith Butler* (2017), ao artigo intitulado *Meramente cultural*, publicado por Butler na revista *Social Text* em 1997.

2017, queimaram uma esfinge da autora em uma espécie de ato medieval, mostraram que eles entenderam bem as forças disruptivas de *Problemas de Gênero* – ainda que, assim acredito, a maior parte daquelas pessoas não tenha lido ou se proposto a se debruçar sobre questões presentes no livro. Quando me refiro a isso, digo que, na verdade, eles entenderam que alguma coisa estava se movendo fortemente e desestabilizando estruturas disciplinares de controle, de vigilância sobre corpos e sexualidades. Algo que estava adentrando na esfera da intimidade, que antes parecia inalcançável. Algo que buliu com as subjetividades que, até então, pareciam estar comodamente constrangidas nos binários excludentes e violentos.

Butler, escreveu Karla Bessa (PAGU-Unicamp): “insistiu em convulsionar tradições epistemológicas e políticas, redefinindo noções como agência, sexualidade, desejo, sexo e gênero”.⁷ E, quando nós deixamos nos perturbar pelo pensamento da autora, que “é tão incômodo quanto rejuvenescedor”, nas palavras da Karla Bessa, entendemos que gênero é um projeto sempre inconcluso. Por isso a proposição butleriana incomoda. Também por isso não seria possível fechar a categoria mulher. Não era interessante fazê-lo justamente quando as trans se agregavam, se faziam visíveis, audíveis nos espaços de luta e mobilização – e, atualmente, dentro da academia também. Quando homens femininos e bichas femininas denunciaram a misoginia de alguns gays, inclusive dentro do movimento social, nas universidades, nos núcleos de pesquisa. Nós começávamos a perceber que era preciso realizar uma discussão – toda ela de forma radical.

Patrícia Porchat, psicanalista e minha colega, ela também professora da UNESP, defendeu sua tese de doutorado em 2007, sob o título *Gênero, Psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. Porchat conta que, durante sua na banca de qualificação, desencantou-se com as propostas teóricas apresentadas a ela: “Poxa! Mas não é isso. Não é por aí que eu quero ir”. Então, comentando sua decepção com uma amiga argentina, também psicanalista e que já conhecia a Butler, Patrícia foi apresentada a *Problemas de Gênero*. Porchart diz que a leitura mudou radicalmente toda sua abordagem: “Com a Butler, abriu-se uma espécie de... a Butler abriu uma porta para as relações entre

⁷ BESSA, Karla Adriana M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. *Estudos Feministas*, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998.

feminismo e psicanálise e daí eu cheguei nas transexualidades. Então, o *Problemas de Gênero*, para mim, teve esse efeito de portal, que fez várias aberturas para outros campos.”.

Em 2003, Butler ainda não era muito conhecida no Brasil. Eu mesma li primeiro *Corpos que Importam* numa brochura xerocada. Eu até escrevi certa vez sobre como recebi o texto das mãos de Richard Miskolci e, então, me apaixonei – e, como é o caso de toda paixão, foi hiperbólica: adorei, odiei, devorei, vomitei, não dormi!

Depois, fui me familiarizando com todo um novo léxico, um conjunto complexo de ideias torcidas e, por isso mesmo, bastante desestabilizadoras. Mas elas, como diz Guacira Lopes Louro, me levaram a pensar para além dos limites do pensável. *Problemas de Gênero* é, sem dúvida, uma leitura muito densa. Mas, como admite a própria Butler, nas primeiras linhas do prefácio de *Problemas de Gênero*: “criar problemas é inevitável”.

Criar problemas era precisamente o que nos ensinaram que não deveríamos fazer. Mas Butler percebeu que problemas são inevitáveis e essa fatalidade, se não pode ser evitada, talvez possa ser modulada. Butler parecia nos dar a incumbência de descobrir a melhor maneira de criar problemas e a melhor maneira de tê-los. Assim, *Problemas de Gênero* tumultuou o campo dos estudos de gênero e sexualidade de uma maneira tão profunda, tão influente e desestabilizadora, que abalou nossas certezas e incertezas teóricas – sobretudo àquelas relativas à perspectiva construcionista de gênero, lugar até então intocável, onde figurava Simone de Beauvoir como grande desnaturalizadora do conceito de gênero. Como propõe João Manuel de Oliveira (Universidade do Porto),⁸ nada escapou à verve crítica dos escritos sempre densos desafiantes dessa judia que chegou a ser acusada de antissemitismo.

Como um livro tão difícil pôde abrir tantos portais? Para Sara York, que gosta de se apresentar como professora travesti, como uma travesti *na* e *da* educação, o que nos provoca são as mais de 400 perguntas que o livro coloca:

São perguntas que nascem de uma possibilidade de narrativa que todos nós fazemos. O questionamento desse *status* universal do patriarcado e o modo como meu corpo vai ser lido diante dele. Eu acho que pensar com algumas instâncias nesse texto... A Butler cita Nietzsche e eu, como uma pessoa que não

⁸ DE OLIVEIRA, João Manuel. Tumultos de género: os efeitos de Gender trouble em Portugal. **Revista Periódica**, v. 1, n. 3, p. 6-18, 2015.

me rendo a deuses, fiquei muito instigada com a urgência de se fazer uma genealogia da moral. E tem mais, a Butler ajuda a parte do desejo a pensar no meu corpo violado, no meu corpo de travesti, de mulher trans, das violências que eu sofri na infância, na adolescência, sendo violentada por esses cis-hetero-normativo-sistema que permite aos homens o exercício de suas potências, mas não permite às mulheres o exercício pleno das suas possibilidades (Depoimento feito por meio do WhatsApp).

A feminista histórica Heloísa Buarque de Holanda, dadivosamente, também conversou comigo para que eu pudesse trazer seu relato. Ela conheceu *Problemas de Gênero* em 1990. Ela diz:

Olha, foi em cima do lance. Pra mim foi uma bomba. Eu li, reli, achei que tinha descoberto tudo sobre gênero e virou por muito tempo o meu livro de cabeceira, saí usando e abusando das ideias de performance e o resto todo. Hoje eu não sei mais. Eu descobri o Brasil e aqui me parece que talvez a Butler não caiba tão folgado. Ela incomoda mais, aperta um pouco na cintura, fica curta na canela.

Heloísa Buarque de Holanda disse estar rendida ao decolonial. Mas, mesmo com todos esses ajustes, complementos e arranhados, Butler ainda é enorme porque é uma pensadora sensível e, como diria Porchat, muito livre e com muito respeito pelo ser humano. Ou, nas palavras da Carla Rodrigues (UERJ):⁹

Butler nos oferece argumentos para nos colocarmos na defesa de uma democracia radical como instrumento de enfrentamento da violência de Estado, maior e mais aguda contra a gêneros não inteligíveis na ordem normativa. A principal tarefa de uma democracia radical hoje seria enfrentar, confrontar, questionar, interrogar, fazer oposição à violência de Estado – esta que se justifica em função da defesa dos territórios, lucra com essa atividade e se fundamenta na força da exploração da precariedade dos corpos (2019, p. 59).

Carla Rodrigues situa essa discussão após o atentado de 11 de setembro. Isso, na minha leitura, insere o debate numa chave anti-colonialista, na qual a raça tem peso, literalmente, vital. Volto a citá-la: “Com Butler, eu pretendo argumentar que só haverá democracia radical quando e se qualquer corpo, independente da sua marcação de gênero, raça, classe, etnia ou religião, não estiver desigualmente exposto à violência estatal” (idem, ibidem). Acrescento, pensando junto de Butler, em *Vidas Precárias*, que

⁹ RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência**, Rio de Janeiro, n. 5, 2019.

esse objetivo será alcançado quando esses corpos passarem a ser protegidos pelo Estado de ataques que são perpetrados na eloquência dos silêncios que eliminam a possibilidade da existência, de vidas habitáveis, já que essas normas são tão naturalizadas e esses corpos tão invisibilizados por regulamentos morais que estabelecem ideias do humano que fazem diferença entre aqueles que são mais e aqueles que são menos humanos.

Estou citando a Butler em *Vidas Precárias*:¹⁰

Muitas vezes esses esquemas normativos funcionam precisamente sem fornecer nenhuma imagem, nenhum nome, nenhuma narrativa, de forma que, ali, nunca houve morte, tampouco houve vida. Essas são duas formas distintas de poder normativo. Uma opera produzindo uma identificação simbólica do rosto do inumano por meio da forclusão de nossa apreensão do humano na cena, a outra funciona por meio de um apagamento radical, como se nunca houvesse existido um humano, nunca houvesse existido uma vida ali e, portanto, nunca tivesse acontecido nenhum homicídio. No primeiro caso, algo que já emergiu do domínio da aparência precisa ser disputado como reconhecimento humano. No segundo, o domínio público da aparência é ele mesmo constituído com base na exclusão daquela imagem (BUTLER, 2011, p. 28).

Me parece ficar claro como se constrói a abjeção quando Butler, nesse trecho, fala sobre a desumanização de afegãos, de afegãs, de iraquianos e iraquianas, de populações árabes a partir da ideia de que uma força pura, branca e civilizacional tem sido acionada para justificar uma guerra que não tem outra motivação se não a de estender as fronteiras do ego narcísico dos que assumem o rosto, o poder para matar. Eu leio *Vidas Precárias* e é o Brasil que eu vejo. Devoro esses corpos teóricos para pensar com e a partir da Butler, como as tantas pessoas que dialogaram e dançaram comigo na construção dessa fala, a fim de refletir sobre o presente. Continuo aprendendo com Butler, acreditando na força da não-violência, que, aliás é título de seu último livro, publicado em fevereiro de 2020.

Sambando junto com ela na cara de uma parte da sociedade, que teima em não reconhecer as violências que precarizam tantas vidas e, ao não reconhecer a humanidade no aporte dos outros, atinge a si mesma.

Encerro agradecendo a Richard Miskolci, por ter me apresentado a obra da autora e ter me ajudado a dialogar com ela. Dedico essa fala e meu afeto à querida

¹⁰ BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

Guacira Lopes Louro, uma educadora dadivosa, transgressiva, que nos brindou em 1999 com uma das primeiras traduções de Butler no Brasil – *Corpos que pesam - sobre os limites discursivos do sexo*, presente em *O Corpo Educado*.¹¹ Muito obrigada por me escutarem.

Referências

BESSA, Karla Adriana M. Posições de Sujeito, Atuações de Gênero. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 1, p. 34-45, 1998.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

BUTLER, J. Merely Cultural. **Social Text**, vol. 15, n. 3-4, p. 265-277, 1997.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DE OLIVEIRA, João Manuel. Tumultos de gênero: os efeitos de Gender trouble em Portugal. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 3, p. 6-18, 2015.

FRASER, N. Heterossexismo, falso reconhecimento e capitalismo: uma resposta a Judith Butler. **Ideias**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 277-294, 2017.

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência**, Rio de Janeiro, n. 5, 2019.

¹¹ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.